

**A arte da memória em *Cabo de guerra*:  
um novo olhar sobre os anos de chumbo da ditadura no Brasil**

***The art of memory in Cabo de Guerra:  
a new look at the leaden years of the dictatorship in Brazil***

Rejane Severo MARTINS<sup>1</sup>  
Alai Garcia DINIZ<sup>2</sup>

### Resumo

O objetivo deste trabalho é analisar a construção da memória na obra *Cabo de guerra* (2016), de Ivone Benedetti, a partir das reflexões de Frances A. Yates em *A arte da memória* (2007), acerca de seu uso como técnica a ser compreendida nas relações temporais do protagonista-narrador. O romance tematiza um agente duplo que circula nos dois polos políticos no período da ditadura militar brasileira. A narrativa é baseada nas percepções de suas memórias, intercala infância, juventude e tempo presente, centrado nos anos de chumbo. Em um jogo triplo entre fragmentos temporais no romance no desenrolar de 40 anos, embora o jogo da temporalidade cave um pacto com o leitor, permeado de enigmas e silêncios, repetições (ênfases) e circularidades. A obra de Frances Yates, de caráter interdisciplinar que alcança diferentes artes e temas, além de autores como Ítalo Calvino da (1990), bem como as perspectivas estabelecidas por Walter Benjamin (1994) em suas reflexões sobre a sociedade contemporânea.

**Palavras-chave:** Literatura contemporânea. Memória. Romance Contemporâneo. *Cabo de guerra* (2016).

### Abstract

The objective of this work is to analyze the construction of memory in the work *Cabo de Guerra* (2016), by Ivone Benedetti, based on the reflections of Frances A. Yates in *The art of memory* (2007), about its use as a technique to be understood in the temporal relationships of the protagonist-narrator. The novel focuses on a double agent who circulates in both political poles during the period of the Brazilian military dictatorship. The narrative is based on the perceptions of his memories, intersperses childhood, youth and present time, focusing on the lead years. In a triple game between temporal fragments in the novel over the course of 40 years, although the game of temporality carves out a pact with the reader, permeated by enigmas and silences, repetitions (emphases) and circularities. The work of Frances Yates, of an interdisciplinary nature that covers different arts and themes, in addition to authors such as Ítalo Calvino da (1990), as well

---

<sup>1</sup> Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Letras/PPGL da UNIOESTE.  
E-mail: rejane.severo@hotmail.com

<sup>2</sup> Professora doutora do PPGL da UNIOESTE. Email: alai.diniz@unioeste.br

as the perspectives established by Walter Benjamin (1994) in his reflections on contemporary society.

**Key words:** Contemporary literature. Memory. Contemporary Romance. *Cabo de guerra* (2016).

## Introdução

A proposta de análise do romance contemporâneo brasileiro, como objetivo deste artigo, sugere contribuições a partir do imaginário criativo para comunicar, interpretar, entre outras temáticas, o período traumático de nossa história, a ditadura militar. Um dos objetivos é a possibilidade de trazer à luz situações silenciadas pela própria ordem política vigente por meio da memória individual e coletiva. Uma das intenções é tornar conhecido o ambiente hostil provocado pela ditadura no Brasil, como a violência, as mortes injustificadas e supeitas, os desaparecimentos ocorridos durante o período. O romance *Cabo de guerra* (2016) de Ivone Benedetti constroi uma narrativa a partir das memórias de um agente duplo que atuou durante os anos de chumbo, sendo uma obra importante para recompor um período marcado por censuras e repressão principalmente na área das artes.

A literatura, enquanto arte, é um dos meios de recuperar informações testemunhais ou memoriais presentes na escrita literária, construções imaginárias e criativas sobre o passado recente, sendo que a ditadura volta ou continua a estar presente em diversas obras. A temática da repressão, da tortura e da impunidade aos culpados, não deixou de ser palco para arte, para a liberdade de poder escrever sobre a ditadura sem censura. Para muitos brasileiros, que foram testemunhas e vítimas do regime, expor sobre “os fantasmas”, como é descrito por pessoas que sofreram, é uma forma de não deixar no esquecimento. Diversas obras já trataram desta temática, no entanto, ainda não sendo suficientes para que esse período fosse passado a limpo, novas abordagens e diversos aspectos ainda sendo elucidados, pontos de vistas de novos autores propõem novas reflexões e conhecimentos que foram silenciados. A literatura enquanto ficção é um lugar privilegiado para articular esta história e a imaginação, ou seja, realizar a ligação entre a recordação e a imaginação.

A produção literária contemporânea nos apresenta inúmeras obras que expõem a temática da ditadura, entre elas um destaque para *Cabo de guerra*, (2016) da autora Ivone

Benedetti, romance que acontece em 2009, mas o que prevalece é a narrativa memorialística dos anos 60, 70 até 1984, tendo como narrador o próprio personagem. A intenção da narrativa conduzida pelo personagem talvez seja a necessidade de confissão ou justificação sobre a sua situação atual, acamado em estado vegetativo, ou ainda revelar esse outro aspecto que era comum naquela época, muitas pessoas coniventes com a repressão e a favor da ditadura. O título do romance, *Cabo de guerra*, tem a ver com a conduta do protagonista, um agente duplo que trai seus amigos e conseqüentemente causa a morte da maioria deles. O diferencial da obra é apresentar um personagem conhecido pela ditadura como “cachorro” ou “dedo-duro”, um infiltrado nas organizações que combatiam a ditadura e agente do regime ditatorial, informando as ações da organização esquerdista.

### ***Cabo de guerra*, a narrativa**

Ivone Benedetti trabalha o jogo entre a memória e a ficção, uma autoficção que mistura referências históricas com trechos imaginários próprios da ficção, um narrador que conta sua história pessoal, fatos da infância e adolescência no interior da Bahia, vem para São Paulo a fim de estudar, porém sua chegada coincide com o início dos anos de chumbo, momento em que segundo o narrador tudo começou: “Eu descendo na rodoviária de Santos e batendo palmas em frente a um portão” (BENEDETTI, 2016, p. 15), a narrativa se apresenta de forma não linear, dividida em três partes. As histórias são intercaladas, recordações da família, e da convivência com os companheiros e de seus trabalhos, primeiro como garçom e depois com o trabalho arrumado por um coronel, já em condição de submisso. Sua narrativa vai descrevendo personagens que atuavam contra a ditadura, principalmente Rodolfo, que tinha característica de líder revolucionário, na visão do personagem: “Rodolfo tinha outra lógica e me levava a reuniões da sua organização de esquerda” (BENEDETTI, 2016, p. 31). Outros que conviveram com ele por intermédio do próprio Rodolfo, as mulheres, os lugares e situações que viveu, muito da narrativa sob seu ponto de vista procura ir montando sua identidade, um sujeito que não assumia um lado, sempre na defensiva. As polaridades representadas na narrativa enquanto contexto histórico, revelava claramente a ditadura e do outro, a organização que combatia o regime, os dois lados do cabo de guerra.

Durante a ditadura no Brasil, havia um agravamento da desigualdade social, sem

dizer da exploração do trabalho e perseguição de pobres e negros pela polícia, essa realidade parece ainda prevalecer na sociedade atual. A literatura aborda esses fatos, expõe essa realidade que reabre essa ferida ainda não cicatrizada, que precisa ser tratada como memória que causou traumas não arquivados, pelo fato de ainda estarem à porta. Essas memórias traumáticas recuperadas pela literatura, são, segundo Jaime Ginzburg (2012), “histórias narradas permeadas por vários não ditos, por ambiguidades que os narradores deixam transparecer”, resultados de impunidades, pelas práticas abusivas, perdão pelos crimes, e que não tiveram um ajuste de contas. Uma violência que se prolonga desde a exploração colonial, que explora o negro, usa de crueldade com as minorias, uma persistência visível nos dias de hoje do autoritarismo político que dá abertura para ações antidemocráticas sem punição.

O trabalho da memória é insistente, a transição do período ditatorial para a democracia não deu espaço para o luto, não houve tempo para encontrar os desaparecidos, encontrar respostas, fantasmas que continuam nas memórias de quem viveu e sentiu, há uma preocupação em resolver ou refletir sobre a persistência dessa violência.

Na literatura o realismo traumático se mistura com a imaginação, o romance parece verdade, no entanto, é uma simulação do que pode ter sido, ou ainda como afirma Frances Yates “lidar com um passado que pesa como um trauma, isso lhe arde a memória” (YATES, 2007, p. 164). Segundo ele, os primeiros tratados sobre a memória foi no século XV, e foram sendo definidas a partir de lugares e posições que seguiam regras, imagens memorizadas de objetos e pessoas que conhecemos, definidas assim como memória artificial, também conhecidos por “mnemotécnica pura” (YATES, 2007, p. 152) e cada tratado refere-se de forma diferente às imagens nas memórias, e ainda, por meio dos tratados é que vão sendo criadas regras para interpretá-las, por exemplo: “Um tipo de tratado pode ser chamado de ‘Demócrito’, pois atribui a invenção da arte da memória a ele, concentra-se nas leis aristotélicas da associação” (YATES, 2007, p. 140). Outro tratado é o impresso de Romberch, Idade Média, em que segundo ele “o aluno deve formar suas próprias imagens” (YATES, 2007, p. 143). Em suma, a arte da memória era uma técnica ensinada como mnemotécnica, exercitar a memorização por meio de palavras, frases, números, objetos e outros.

A memória é um instrumento que permite relembrar o que está internalizado, assim um acontecimento marcante, mesmo que distante no espaço e tempo, é recuperado

pela memória. Em *O narrador* (1994), de Walter Benjamin, “entre as narrativas escritas, as melhores são as que menos se distinguem das histórias orais contadas pelos narradores anônimos” (BENJAMIN, 1994, p.197), neste sentido o romance *Cabo de guerra* apresenta um narrador que, mesmo acamado e sem voz consegue externalizar suas experiências próximas à oralidade, distanciando-se dos fatos narrados cerca de quarenta anos, articulando tempos e espaços, situando o leitor para o que quer contar. Ainda em Benjamin, “a natureza da verdadeira narrativa é comunicar, verbalizar a sua situação” (p. 199), neste caso, o que se pretende narrar é tudo que levou o personagem à atual situação, principalmente suas ações enquanto agente duplo durante os anos de chumbo.

A aproximação da História com a literatura é bem marcante, no entanto, as escolhas discursivas e estruturais realizadas pela autora são formas que elevam sua escrita e sua qualidade, a forma como introduz a memória ao criar um personagem com características subservientes e sua relação com os anos de chumbo (1968-1974).

Uma das definições do que seria o contemporâneo vem de Giorgio Agamben, em *O que é O contemporâneo?* (2009), segundo ele, “o contemporâneo é intempestivo (...) com as quais quer acertar as contas com o seu tempo, tomar posição em relação ao presente” (AGAMBEN, 2009, p.58), nesta perspectiva é que *Cabo de guerra* (2016) uma narrativa que ocorre em 2009, mas retrocede quarenta anos, mais precisamente no período da ditadura militar no Brasil.

A literatura do século XXI, possui um grande número de obras que têm como títulos temas sobre a ditadura brasileira. Isso ocorre por causa do processo que no Brasil, diferente de outros países da América Latina, trataram os crimes hediondos cometidos neste período sem punição, devido à Lei da Anistia, perdão e apagamento dos crimes. A necessidade de acertar contas com este passado e dar vida aos fantasmas que foram sufocados pelo silêncio, textos que promovem reflexão sobre experiências vividas e recuperadas pela memória e pela própria ficção. Enfim, ao analisar um romance contemporâneo cabe-nos identificar nele esse passado que precisa ser revisto e traços acentuados da autora como testemunha desse período, ressignificar o passado e não permitir que fique no esquecimento, identificar intertextualidades e criar associações interliterárias, além de sustentar nossas reflexões sobre as teorias contempladas.

Neste caso, o romance *Cabo de guerra*, de Ivone Benedetti, publicado em 2016, em um momento muito emblemático da nossa sociedade que sofre com o golpe parlamentar à primeira mulher presidenta, Dilma Rousseff, do Partido dos Trabalhadores

(PT), tendo sido destituída, lembrando que a mídia, com seu papel de formação de opinião e provedora de visibilidade sobre informações ou omissões, corroborou com a “(des) construção de reputações e verdades”. (BECKER, et al, 2017). Ainda um pouco antes, neste mesmo contexto político podemos apontar as conclusões da Comissão Nacional da Verdade (CNV), instalada em 2012 e concluídas em 2014, com o objetivo de apurar e esclarecer circunstâncias e autores de graves violações aos Direitos Humanos praticados entre 1946 e 1988, (período entre as duas últimas constituições democráticas brasileiras), um direito à memória e a verdade histórica, exige-se reflexão sobre a atuação e participação de ações antidemocráticas e alusão à ditaduras por políticos e grupos extremistas. Esse cenário que persiste até tempos atuais requer um trabalho de conscientização e valorização da vida e, neste sentido, conhecer a história por meio da literatura pode revelar períodos de grandes silêncios promovido pela censura e pela queima de documentos e arquivos, que podem ser recuperados pelas memórias transcritas nas entrelinhas das inúmeras obras que trazem à tona a dor e o sofrimento de quem viveu e perdeu parentes e amigos para a ditadura, uma luta pela não violência institucional. (CANABARRO, 2014).

A partir dessas considerações sobre o cenário político e social em que o Brasil se apresenta e os frágeis alicerces da democracia, é que a literatura contemporânea se a literatura demonstra a potência ao dar visibilidade e ao apontar lacunas que precisam ser preenchidas, seja na ficção ou por meio de testemunhos e de memórias dos sobreviventes. Segundo Ivone Benedetti (2016), “enquanto há chaga, há necessidade de falar” e a partir da Comissão Nacional da Verdade (CNV) instituída em 2012, houve mais abertura para falar e escrever sobre o assunto. *Cabo de guerra*, (2016) é um romance que apresenta um personagem anônimo, e que revela com astúcia as tramoias para agir dualmente, ou seja, trabalhando para os militares e ao mesmo tempo infiltrado nas organizações esquerdistas, a narrativa é construída por meio de memórias, lembranças e reminiscências, a história se torna ficção e a memória se torna técnica para relembrar o passado na construção de significados, constituindo assim a literatura como a arte da memória.

Benedetti escreve sobre os fantasmas que sobreviveram em suas lembranças, o que ela viveu e sentiu neste período, sua experiência enquanto estudante, e como tradutora de grandes filósofos, provavelmente contribuiu para a criação de um personagem pouco comum na literatura brasileira sobre a ditadura. Em entrevista, ela

disse que não queria escrever sobre tortura, mas como falar sobre os anos de chumbo sem que falasse sobre tortura, a opressão e o medo? Ao sair do universo feminino, Benedetti cria um sujeito sem nome, sem escrúpulos, indiferente à morte e, portanto, passivo diante de torturas e de mortes. Era extremidades. O personagem sabe em que lado está, mas muitas vezes confunde o leitor, é discreto ao se manifestar, abala-se psicologicamente quando a situação é violenta com ele, mas não em relação aos outros. Mistura lucidez com loucura, sempre se defendendo e vivendo na dualidade. O papel das memórias é fundamental para entender o núcleo do romance, a insensibilidade do narrador diante da morte, as imagens que permeiam a narrativa:

Meu pai dobrado em cima do trapiche

(...)

É o trapiche, como meu avô chama, e em espanhol. Uma engenhoca que está em nosso quintal faz anos, morrendo um pouco a cada dia durante décadas. Uma moenda de três cilindros verticais, algo mais alto que um homem alto com dois braços para manejo por escravos, saindo de um eixo central em cuja ponta um aguilhão enferrujado é resquício de algum mecanismo desmontado, rompido ou arrancado.

(...)

E meu pai caiu do telhado em cima dele.

(...)

Meu pai, o homem impoluto e rígido, reduzido a uma curva por alguma mão madrasta e aplicada. À parábola de nossa existência. Espécie de U invertido. U de culpa, que passou a batucar feito um bumbo nos ouvidos noturnos de meu avô pelo resto de sua, agora curta, vida. (BENEDETTI, 2016, p. 13, 287-289)

Esse fato narrado é uma das lembranças que percorre toda a obra para ser então descrito na última parte do romance, um trauma que o narrador sugere ser o que o deixou insensível à morte. O texto inicia com descrições sobre o que vai narrar, entre as circunstâncias descritas, o caso da morte do pai vai percorrendo o romance até a última parte, onde ele explica as circunstâncias do ocorrido e o pai, a forma como ele caiu é o formato de um U invertido. O U invertido está presente no título da capa, o que sugere uma relação direta entre a morte do pai e suas ações, suas escolhas, situa o leitor no tempo e no espaço, mescla os tempos, entre as fases de sua vida, infância, juventude e sua idade madura, momento em que narra suas memórias. A arte da memória é trabalhada na subjetividade do narrador, e em *Cabo de guerra*, podemos identificar claramente o ponto de vista desse personagem e relacionar com sua atuação enquanto agente duplo, a sua frieza diante da morte, além das experiências e convivência com outras pessoas.

O passado recente é recuperado pelo narrador que depois de quarenta anos, detalha com precisão todas as recordações, como se estivesse tudo ali, preparado para ser revelado. Os anos de repressão narrados e as consequências desse período não escolhia lado, atingia qualquer um, mesmo que estava a seu serviço, os traumas não foram só físicos, mas psicológicos. O medo e o silêncio são aos poucos desvendados, e convidam à reflexão sobre as consequências de quem presenciou ou viveu esse período, ressignificando esse passado pelas memórias,

Frances A. Yates nos apresenta a memória artificial constituída de uma longa lista de objetos, imagens que formam “lugares de memória, quanto as imagens, devem assemelhar-se a pessoas que conhecemos”, (YATES, 2007, p. 151) ou ainda usa imagens de constelações; divisão entre paraíso e inferno; lugares de punição, uma soma de conhecimentos que servem para fixar a memória com treino e imaginação intensa, letras, imagens que se tornam jogos de infantes. Assim a arte da memória, sob essas formas tardias, ainda atuava como forjadora misteriosa das imagens mentais. Esses tratados podem recuperar o funcionamento de vastas memórias do passado.(YATES, 2007, p. 162-163)

Em *Cabo de guerra*, é possível perceber o esforço do narrador em usar de imagens, pessoas e objetos para situar o leitor em suas memórias, reconstituir lugares, espaços que marcaram e ao mesmo tempo relacionava-as com sonhos, lembranças ou alucinações, distúrbios da infância, ou como ele mesmo definiu:

Abro os olhos, circundo com o olhar um quarto que me abriga há anos nesta casa do Bixiga. Na minha frente, uma mesinha com tevê. À esquerda dela, uma cadeira de rodas e outra comum; à esquerda desta, a porta por onde entram as poucas visitas que me fazem o favor de interromper de vez em quando o compacto amontoado de ficções que se erguem diante de mim todos os dias, com o nome de memória. (...)

Quero fechar os olhos de novo e recuperar a nesga de imagem que me leva de volta àquela noite de Santos. Porque foi lá que começou tudo o que desemboca aqui.(BENEDETTI, 2016, p. 19)

Em vários momentos, o narrador se refere às descrições e acontecimentos como se fossem ficções, no entanto, algumas referências históricas vão preenchendo os espaços ficcionais com memórias verdadeiras, tais como:



Depois dos acontecimentos todos em torno da morte de Herzog e de Manoel Fiel Filho, as coisas começaram a mudar. Tomás sentiu as reverberações, portanto, eu também: ele foi afastado, passou para um setor burocrático qualquer, e eu perdi um bom bico. Não que ele estivesse diretamente envolvido naquelas mortes, se bem que não sei se sei tudo, mas acredito que não. É que as coisas de fato mudavam. Com isso, voltei a desandar um pouco. (BENEDETTI, 2016, p. 244)

Vladimir Herzog foi um jornalista, militante do Partido Comunista Brasileiro, torturado e morto pelo regime militar em 25 de outubro de 1975 e Manoel Fiel Filho, operário e metalurgico, torturado e morto no mesmo local, cerca de três meses depois de Herzog, nas mesmas circunstâncias. A informação que circulava era que ambos haviam cometido suicídio. Não foi suicídio, foi tortura seguida de morte. As duas semelhantes. A informação era falsa, visto que a foto de Vladimir Herzog era absurda, pois o corpo deprimido, tinha os joelhos dobrados, o que por si só revelava a montagem da cena, além do fato de que a primeira coisa que retiravam dos detidos eram objetos de valor e acessórios, tais como cintos e qualquer outro que significasse risco para quem fosse submetidos a interrogatórios, isto é, torturas. Assim como narra o personagem, depois desses acontecimentos, o Presidente ou ditador? Ernesto Geisel, demitiu o comandante do 2º exército, desmontando a máquina de tortura, mas as violações de direitos humanos ainda continuavam, porém com mais cuidado.

A literatura como arte da memória pode ser um instrumento de conhecimento e informação desse momento traumático vivido pela sociedade brasileira, ou ainda revelar o que ficou implícito, imagens que reproduzam o que foi silenciado, ou que não tiveram voz, o não dito, enfim, a arte literária consegue reproduzir alcançar o que falta na história.

### **O romance, a memória e a ditadura**

O romance contemporâneo apresenta como uma das características, historicizar o nosso tempo, seja por meio da imaginação ou pelas memórias, *Cabo de Guerra* é uma obra que surge na sequência de outro romance da autora Ivone Benedetti, *Imaculada*, publicado em 2009, e o desfecho da obra se dá na década de 60, período da ditadura no Brasil, mesmo período em que se iniciam os conflitos de *Cabo de guerra*. Há uma relação de continuidade de um romance a outro, ambos com a temática política e social do Brasil, inclusive um personagem, Paolo, um italiano rico e mafioso, marido de

Samira, a mãe do atropelado visto pelo personagem e motivo da chantagem.

O texto literário por meio da arte da memória se faz presente no espaço-tempo diferenciado, valorizando a história na construção da narrativa com novas subjetividades e liberdades de expressão em que o cenário é a grande São Paulo, e retoma a questão da violência seja imaginária ou real, recorrente tanto no passado como no presente.

O foco narrativo em primeira pessoa inicia com uma série de descrições que vão tecendo essa narrativa, em que a primeira frase indica o momento do tiro que é direcionado na sua garganta, ou seja no final do romance, a última frase é o momento em que ele chega em Santos logo que o AI-5 é baixado, o romance resumido neste trecho:

Perco o chão no primeiro degrau e escorrego até o último. Caído de costas, ainda enxergo o céu noturno, infinito em molduras: paredes imensas, amarelas, rodeando, rodeando. Então o céu negro vai ficando azul, depois azul-claro, depois branco, e as imagens começam a desfilar: Cibele de jeans e blusa vermelha, meu pai dobrado em cima do trapiche, , Tomás me dando um cartão de visita, minha irmã falando de estrelas, Padre Bento acorado junto a um muro, a garganta afogada de Samira boiando na Billings, o moço torturado, a jaqueta em frente a um tamborim, o soco no coronel, um sujeito cantando “My Way”, Carlos morrendo, as borbulhas da chuva no chão, Jandira erguendo os braços, uma surra, Maria do Carmo mijando no lavatório, Alfredo morto, o Dops, Samira gritando, a mão estendida, o atropelado, estrelas, estrelas, estrelas, eu descendo na rodoviária de Santos, e batendo palmas em frente a um portão. (BENEDETTI, 2016, p. 14, 301)

A sequência de imagens narradas pelo personagem no início do “1 dia” já dá indícios de tudo o que vai sendo lembrado, pois tudo é memória, e a consciência é o que mais se manifesta pela visão dualista do narrador, porém sutilmente se posiciona sempre do lado da ditadura, mas ainda vivendo uma dualidade.

Em entrevista cedida a Roberta Carmona, crítica literária da Literatorios, em 11 de setembro de 2016, Benedetti fala sobre a criação do personagem e a dificuldade em assumir uma voz masculina, ainda mais de um sujeito odioso, que faz o leitor pensar e refletir, ainda que ela descreve lugares na obra que são os mesmos que ela frequentava naquele período e as histórias contadas, eram histórias que aconteceram com amigos e conhecidos. A originalidade é conseguir compreender essa literatura do submundo, promover uma reflexão sobre a exploração da violência sem reflexão, ainda diz que “ A ficção é a verdade fantasiada de mentira”. (LITERATORIOS, 2016)

A arte da memória de Yates, é um processo em que as imagens são colocadas

em seus lugares e assim armazenadas. Há dois tipos de memória, a natural e a artificial, a primeira está associada ao mesmo tempo com o pensamento. A segunda é aquela que vai nos interessar, a memória artificial, reforçada e consolidada pelo treinamento. (YATES, 2007, p. 21)

As imagens que vão sendo postas para lembrar tal fato:

Ontem Mariquinha pôs uma fotografia na minha frente. Dois segundos e virei a cabeça. Nem preciso olhar. Lembro muito bem daquela minha última imagem com os cabelos compridos que sempre me acompanharam na infância. Até o dia seguinte ao da foto. O comprimento dos cabelos era resultado de uma promessa feita a Nossa senhora de Nazaré por minha mãe, em troca de alguma graça que eu nunca soube qual seria. (BENEDETTI, 2016, p. 90)

Neste trecho, uma imagem fotográfica marcada pela lembrança do momento e pela imagem do trapiche, a lembrança do trauma: “O mal da imagem fotográfica é a veracidade”. (BENEDETTI, 2016, p. 92) Um trauma ainda não superado, sua imaginação ora são como sonhos, ora são como visões, ele próprio não sabia se eram frutos da imaginação ou se eram reais, “no meu quarto sem mobília, com chão de tábuas lavadas, há, no sonho, apenas dois móveis: minha cama encostada a uma parede e no canto oposto uma cadeira velha”, o sumiço de parte da mobília o deixa pensativo, a visão de uma mulher na cadeira empoleirada, essa mulher era sua voz, é um sonho, acorda assustado tudo volta ao normal, a voz associada a uma mulher, ele conclui que é a sua voz (BENEDETTI, 2016, p. 104).

As imagens como forma de rememorar o passado é refletida pelo narrador a partir de várias comparações, com cheiros, objetos, entre outros, como: “As vezes os cheiros impregnam minha memória, mandados não por qual ventarola interna, que não depende de minha vontade” (...) “Não sei se é nessa hora que me lembro do pote de farinha, mas sei que ele está lá, jacente no fundo da minha memória” (BENEDETTI, 2016, p. 106, 176).

A forma como o narrador descreve suas memórias, que podem ser entendidas como divisões de tempo e espaço, mas que, ao mesmo tempo, retoma imagens que o acompanham nos três dias ou três partes de maneira não linearmente, deixam o leitor desatento, sem saber ou perceber se está no presente ou no passado, ora situa o leitor, ora vai direto à lembrança:

Naquela época eu não tinha condições de perceber a força dessas coisas. Estava mesmo envolvido numa nebulosa de anseios e medos, tendo de resolver mesquinhas cotidianas, como manter o emprego, não bancar o bobo com o pessoal da esquerda e descobrir o modo de transitar entre duas esfinges, Samira e Jandira. (BENEDETTI, 2016, p. 137)

É fácil de perceber que os traumas decorrentes daquele período ainda persistem, fatos que fizeram parte da sociedade brasileira e que ainda precisam ser falados ou escritos. A ficção volta a dar espaço aos traumas causados pela ditadura, como forma de tratar sobre o assunto, fazer com que leitores jovens que não viveram naquela época possam sentir e saber como realmente era a repressão, as mortes involuntárias, torturas e desaparecimento. As marcas deixadas podem não ser visíveis, mas são mais profundas do que se pensa, a violência não pode ser naturalizada, o que acontecia era uma política de segurança voltada para a opressão e não dava garantia aos direitos fundamentais dos cidadãos.

Neste cenário apresentado pelo romance, as memórias se tornam matéria da história e fonte de informações para compreender as diversas faces da ditadura, “- Cachorro. Sabe o que é cachorro, Cibele? -ele pergunta, e eu não paro de sangrar.” (BENEDETTI, 2016, p. 216) sua identidade é revelada, porém ainda agia como duplo, pensava que havia somente essas duas formas de pensar o mundo.

Diferente dos demais romances que abordam a temática da ditadura, e que focam nas torturas e nas vítimas ou desaparecidos, *Cabo de guerra* nos apresenta um sujeito que se rende aos militares e trai seus companheiros, e não se decide de qual lado está verdadeiramente. Para Schollhammer (2009), a ficção contemporânea oferece pontos para reflexão e compreensão daquele período.

A literatura contemporânea se torna um meio de linguagem capaz de recriar, refazer, repensar, descrever os silêncios, os desvios e as lacunas, permitindo ao leitor uma visão ampliada do que se pretende abordar, possibilitando novas interpretações e reflexões sobre a ditadura brasileira novos pontos de vista.

A literatura, como escrita imaginativa, peculiar, intensificando a linguagem comum e que, segundo Italo Calvino (1988) nas *Seis propostas para o próximo milênio*, seriam: a leveza; a rapidez; a exatidão; a visibilidade e a multiplicidade podem estar presentes, numa mesma obra ou acentuar uma delas. A sexta qualidade não foi possível apontar devido a morte súbita do autor. Para ele a “literatura é universal, sem distinção de língua e caráter nacional, e a considerar o passado em função do futuro”. Essas

propostas para a literatura, são perspectivas para o próximo milênio, sendo que esse texto data de 1985 e diz respeito à qualidade e as suas possibilidades expressivas. (CALVINO, 1988, p. 9)

Para o romance de Benedetti, um dos principais valores que podemos identificar é a “rapidez”. Não que o romance seja breve, mas que o narrador consegue expor cerca de quarenta anos em três dias, ou em três momentos, o ritmo das descrições e dos relatos, pormenores são divididos conforme a tensão por eles vivido. Um encadeamento das histórias que torna a leitura fluída e ao mesmo tempo descontínua, não uma cronologia definida, o tempo e o espaço são aleatórios, ou seja, ele vai do seu quarto e num fechar de olhos se transporta para Santos, onde para o personagem tudo começou, lembranças de detalhes, as imagens surgem constantemente em sua mente. De Santos vai à Nazaré das Farinhas, onde passou sua infância e adolescência. A narrativa construída por Benedetti com rapidez, num fechar e abrir de olhos, que prende o leitor, e o deixa perdido ou desatento, assim:

A rapidez e a concisão do estilo agradam porque apresentam à alma uma turba de ideias simultâneas, ou cuja sucessão é tão rápida que parecem simultâneas, e fazem a alma ondular numa tal abundância de pensamento, imagens ou sensações espirituais, que ela ou não consegue abraça-las todas de uma vez nem inteiramente a cada uma, ou não nos deleita senão por esses efeitos, e não consiste em senão disso. A excitação das ideias simultâneas pode ser provocada tanto por uma palavra isolada, no sentido próprio ou metafórico, quanto por sua colocação na frase, ou pela sua elaboração, bem como pela simples supressão de outras palavras ou frases etc. (CALVINO, 1988, p. 55)

Ainda para Calvino, na literatura,

O tempo é uma riqueza de que somos avaros, e que se pode dispor com prodigalidade e indiferença: não se trata de chegar primeiro a um limite preestabelecido, ao contrário, a economia de tempo é uma coisa boa, porque quanto mais tempo economizamos, mais tempo poderemos perder. A rapidez de estilo e de pensamento quer dizer antes de mais nada agilidade, mobilidade, desenvoltura; qualidades essas que se combinam com uma escrita propensa às divagações, a saltar de um assunto para outro, a perder o fio do relato para reencontrá-lo ao fim de inumeráveis circunlóquios. (CALVINO, 1988, p. 59)

As memórias narradas em *Cabo de guerra* são intercaladas. De um assunto vai a outro pela necessidade de explicar o tempo, “Naquele 10 de janeiro de 1969, a santa na cozinha era o indesejado retorno do exorcizado” logo na próxima página, “abro os olhos, circundo com o olhar um quarto que me abriga há anos nesta casa do Bixiga.”,

esta segunda referência à 2009, ano em que o narrador se encontra e narra suas memórias. (BENEDETTI, 2016, p.18-19)

O papel da memória, seja na imaginação, ficção ou na veracidade para a cura ou para a mudança que os traumas causaram nas pessoas, aceitando ou refletindo sobre diversas versões narradas. *A arte da memória* para Yates teve uma abordagem ainda escassa, considerando que antes do século XV, e a partir daí aparecem muitos escritos que aludem a ela, sendo que:

Em 1482, aparece o primeiro dos tratados impressos sobre a memória, inaugurando o que se tornou um gênero popular nos séculos XVI e XVII. Praticamente todos os tratados sobre memória, manuscritos ou impressos seguem o esquema do *Ad Herennium*: regras para os lugares, as imagens e assim por diante. A questão é como as regras são interpretadas. (YATES, 2007. p. 140)

Porém, esses tratados foram sendo modificados, e sem dizer na complexidade para compreender a tradição sobre memória em relação a certos temas ou continuidades, já a memória artificial é o tratado que se utiliza dos ensinamentos de Demócrito que se misturam com outros tipos de tratados, com objetos que formam uma lista, memorização de lugares, usados para apontar com os cinco dedos da mão. No romance *Cabo de guerra*, o narrador enumera imagens de acordo com situações e lembranças traumáticas, ou seja, as figuras por ele mencionadas remetem aos contextos que ele aborda como lembranças. A esse personagem cabe também uma possível análise psicológica decorrente do próprio trauma que lhe atormenta a consciência, o silêncio de muitos, e a arte da memória descrita por Benedetti é uma forma de dar voz àqueles que foram silenciados ou que não teriam coragem suficiente para sua exposição.

A memória representada por imagens e palavras podem ensinar, divulgar, lembrar lugares que são selecionados e postos em lugares estratégicos, ou ainda desordenados com a verdadeira intenção da autora de demonstrar que as pessoas estavam vivendo uma desordem mental, como se estivessem sem rumo. Em “dezembro de 1984 (...) já se sabe que não haverá eleições diretas. (...) As manifestações sagora são por uma espécie de consolo: que Tancredo Neves Ganhe no Colégio Eleitoral.” (BENEDETTI, 2016, p. 290-291) Com o advento da democracia, “tudo em paz, sem medo de repressão, a praça finalmente em júbilo. Começa a era das manifestações enquadradas. Os ditadores não poderiam prever final mais feliz.” (BENEDETTI, 2016, p. 292) Porém, o silêncio e o abafamento dos fatos, os desaparecimentos os mortos, não

havia culpa, mortes forjadas, tudo na tentativa de apagar a memória.

### Considerações finais

O romance brasileiro contemporâneo se apresenta com múltiplas abordagens temáticas, liberdades de escrita e de estilo, uma pluralidade de vozes que atravessam as narrativas, seja pelo ainda desconhecido narrador de *Cabo de guerra*, e suas experiências que são parte desse tempo, mesmo sendo passado. A habilidade da escrita e a qualidade do conteúdo no romance faz com Benedetti tenha um destaque, porém ainda pertence a um grupo afastado da literatura oficial, os romances escrito por mulheres ainda é uma minoria, de certa forma, *Cabo de guerra* é uma renovação em se tratando de literatura sobre a ditadura. Regina Dalcastagnè (2012), aponta esses novos escritores e seus problemas:

Os escritores brasileiros contemporâneos enfrentam essa dificuldade por vias tão diferentes quanto possíveis dentro de um espaço de tempo razoavelmente limitado, cerca de quatro décadas, e nesse período ainda sob uma ditadura militar- o que impôs, para uma parcela dos escritores, um sentido maior de urgência à sua produção.(...) A denúncia do regime autoritário se apoiava numa faceta política (restrições das liberdades, desrespeito aos direitos humanos) e noutra econômica (arrojo salarial, concentração de renda, desemprego) (DALCASTAGNÈ, 2012, p. 23).

Essa dificuldades em produzir literatura, de romper as barreiras do tempo e do espaço, e do próprio narrador, essa figura que ora nos comove, ora nos desanima, ora nos causa repulsa. Aqui novamente, um jogo, um duelo que leva o leitor ao convencimento de suas ações, sempre se justificando. Para Dalcastagnè:

Esse é o narrador que frequenta a literatura brasileira contemporânea. Um narrador suspeito, seja porque tem a consciência embaçada – pode ser uma criança confusa, ou um louco perdido em divagações – seja porque possui interesses precisos e vai defendê-los. (DALCASTAGNÈ, 2012, p. 75)

A descrição de nosso narrador se enquadra nesta definição, ora se fazendo de insano, ora movido pela lucidez. O leitor deve estar atento a este desafio, reconhecer o tempo e espaço em que as imagens foram sendo organizadas em seus lugares reais ou fictícios, perceber o tempo que as histórias foram contadas, a quebra da narrativa, perceber o que é ilusão ou realidade em *Cabo de guerra*. Essa é o desafio do leitor desse

tempo, compreender fragmentos de memórias.

A urgência de tratar sobre essa temática em um universo globalizado e ao mesmo tempo visando a formação da nossa identidade cultural, perpassado pelo trauma da ditadura, pela intolerância em relação às expressões culturais diversas. Neste sentido a produção literária contemporânea “aparece como fator muito positivo, original, reativo diante das forças homogeneizadoras da globalização” (RESENDE, 2008, p. 20).

A violência quase que naturalizada constitui um dos recursos que a criação literária apresenta como resistência ao esquecimento, portanto, a obra já constitui uma fonte de conhecimento histórico além de um espaço cultural, por apresentar um narrador que se utiliza da memória como recurso para conquistar o leitor numa narrativa complexa e peculiar.

Sem dúvida que o papel das memórias em questão é fundamental para recriar os espaços e as temporalidades que se quer recordar. O uso de imagens, lugares e pessoas, ajudam a compor o no presente o que ele nos quer contar. A subjetividade do personagem sem voz, um sujeito que serviu a ditadura e sobre as consequências, não de sua consciência, mas de sua dualidade durante todo o romance, tendo o direito de contar sua história, seu drama e suas consequências, muitas vezes desconfortáveis pelo próprio discurso falho e fragmentado das memórias.

A fratura do tempo sendo exposta pela memória é de um passado que ainda não passou, “Nesta manhã de 2009, caio na real: essa história já tem quarenta anos. É passado”, “Tudo isso aconteceu em 1962, mas é agora”, o contemporâneo, é essa posição, presentificação, são as memórias construídas pela imagens de objetos, pessoas, imaginação e fotos reais, essa mistura intempestiva que procura acertar as contas com o seu tempo, seja na rapidez dos fatos narrados, as relações entre autora e a obra, ligadas pelas memórias e, ao mesmo tempo, distanciando-se pelo próprio caráter narrativo, vão criando forma e exteriorizando recordações que são identificadas como traumas e sentimentos reprimidos, o que deixaram marcas profundas na construção social atual. O sentimento de impunidade para os torturadores ainda persiste. A Lei da Anistia protegeu e protege aqueles que deveriam pagar por seus crimes, abrindo as portas para o crescimento da violência em níveis sociais.

Dessa maneira, a arte da memória, enquanto técnica para elaborar textos literários, revela experiências traumáticas que foram silenciadas, recompõe cenários no tempo e no espaço a fim de que o leitor consiga visualizar e refletir sobre esses



acontecimentos. Retornar ao passado é de certa forma tentar resolver o que ficou, enfrentar os fantasmas que percorrem as mentes de quem viveu e sofreu os traumas da ditadura no Brasil. A lembrança nem sempre é confortável, porém necessária em tempos em que parte da sociedade exalta ditadores.

O diálogo com a história possibilita essa aproximação narrativa e ao mesmo tempo distanciamento que preenche lacunas subjetivas. O trauma se apresenta por diversos meios, o personagem representa uma possibilidade de reflexão, a necessidade de expor, escancarar sua dor, mesmo que pelo seu olhar duplo, a rapidez com que quer se livrar das memórias leva o leitor a se compadecer de sua situação atual, mas não o livra da culpa, apenas reconhece sua participação em grande parte dos crimes por ele narrados. A narrativa se constrói num emaranhado de tempos atrelado à memória individual de maneira singular.

## Referências

AGAMBEN, Giorgio. **O que é o contemporâneo?** E outros ensaios. Tradução Vinícius Nicastro Honesko. Argos editora, Unochapecó, Chapecó, 2009.

BECKER, C.; MOREIRA CESAR, C.; GALLAS, D.; WEBER, M. H. **Manifestações e votos sobre impeachment de Dilma Rousseff na primeira página de jornais brasileiros.** Revista Latinoamericana de Ciencias de la Comunicación, [S. l.], v. 13, n. 24, 2017. Disponível em: <http://revista.pubalaic.org/index.php/alaic/article/view/242>. Acesso em: 2 set. 2023.

BENEDETTI, Ivone. **Cabo de guerra.** Boitempo, São Paulo, 2016.

BENJAMIN, Walter. **O narrador:** considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre Literatura e história da cultura. Brasiliense, p. 197-221. São Paulo, 1994.

*Cabo de Guerra* [entrevista concedida a Roberta Carmona] Ivone Benedetti. Literatorios, 10 de setembro de 2016. Disponível em: <https://youtu.be/-5hvMQFMKD0>

CALVINO, Italo. **Seis propostas para o próximo milênio:** lições americanas: tradução Ivo Barroso. São Paulo. Companhia das letras, 1990.

CANABARRO, Ivo. **Caminhos da Comissão Nacional da Verdade (CNV):** memórias em construção. Universidade Regional do Noroeste do Rio Grande Do Sul, (UNIJUÍ), RS. 2014.

DALCASTAGNÈ, Regina. **Literatura brasileira contemporânea:** um território contestado. Vinhedo, Editora Horizonte, 2012.

FERREIRA, Marcelo Santana. **Walter Benjamin e a questão das narratividades.**

Universidade Estadual do Rio de Janeiro. *Mnemosine* vol.7, nº 2, p. 121-133. 2011.

RESENDE, Beatriz. **Contemporâneo**: expressões da literatura brasileira no século XXI. Casa da Palavra, Biblioteca Nacional Rio de Janeiro, RJ, 2008.

RAMOS, Danielle Cristina Mendes Pereira. **Memória e Literatura**: construções para um estudo dialógico. *Linguagem em (RE) vista*, ano 06, nº 11/12. Niterói, RJ, 2011

SCHOLLHMMER, Karl Erik. **Ficção brasileira contemporânea**. Rio de Janeiro, Civilização brasileira, 2009.

YATES, Frances A. **A Arte da memória**. Tradução Flavia Bancher. Editora Unicamp.S.D. Campinas, São Paulo, 2007.